

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REPRESENTAÇÕES DA BOA MORTE E DO BEM MORRER NA PROVÍNCIA DA PARAHYBA (1850 – 1888).

Laércio de Araújo Sousa Júnior¹

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo analisar os discursos acerca da *Boa morte* e do *Bem morrer* na província da Parahyba do Norte, entre os anos de 1850 e 1888. Apoiado na historiografia da morte e tendo como referencial teórico a História Cultural, procuramos compreender de quais formas os arquétipos da morte ideal aparecem representados em testamentos e necrológios do período. Consideramos como arquétipos os padrões de comportamento, ou nas palavras de Pesavento (2012), os elementos do imaginário que atravessam os tempos e assinalam modos de elaborar representações. O ideal católico da *boa morte* perpassava pela preparação antecipada, redação de um testamento e a recepção do sacramento da extrema-unção por meio do viático. Se tratava de uma morte familiar e pública, os rituais eram comandados pelo moribundo que deitado no leito ditava suas últimas vontades e era acompanhado pela família, parentes, amigos, membros da irmandade da qual fazia parte, vizinhos e desconhecidos (ARIÈS, 1977). Para refletir sobre como se deu esse processo na Parahyba do Norte, foram mobilizadas diversas fontes, como por exemplo, vinte testamentos escritos entre 1850 e 1888, transcritos por Aduauto Ramos (2011, 2012) e alguns necrológios presentes nos jornais do período, disponíveis no site da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (memoria.bn.br), como é o caso de *O Publicador*, *O Despertador*, *A Regeneração*, *Jornal da Parahyba*, entre outros. No caso dos testamentos, que aqui nos servem como fontes, percebemos que eles passam a ter a função prioritária de dispor dos bens do falecido. Paulatinamente, a sentença “primeiramente como verdadeiro catholico”, frequente antes de 1860, vai desaparecendo das disposições testamentárias. Na primeira metade do século XIX, o fiel redigia o testamento: “para o fim da salvação da alma”, a principal função do documento era espiritual, a disposição e legação dos bens vinha em segundo plano. Contudo, mesmo nos testamentos elaborados nas décadas de 1870 e 1880, no preâmbulo, permanecem as menções à fé católica e à Santíssima Trindade. Segundo o ideal da boa morte, o agonizante poderia por meio do testamento, da escolha da mortalha adequada e da recepção dos sacramentos se redimir dos pecados cometidos durante a vida.

Palavras-chave: Parahyba, Morte, Bem morrer, século XIX.

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Email: laercioaraujojr@hotmail.com